



A IDADE D'OURO; QUADRO DE B. WEST.

A PAG. 257 do presente vol. estampámos o bosquejo de um painel de Benjamin West, e uma breve noticia biographica deste pintor americano. Pouco temos a dizer de outro quadro da invenção do mesmo mestre, de que hoje appresentámos o imperfeito rascunho, que a traços e reduzido só póde dar idéa da composição. É no gosto antigo, representa uma creança dormindo, naquelle somno profundo da idade da innocencia; ao pé véla attenta e silenciosa uma joven, meditando talvez em illusorias e passageiras venturas. — Accrescentaremos algumas circumstancias da vida do auctor para o fazer mais conhecido.

A familia de West abraçára a proba, mas entusiastica, seita dos quakers: estes, segundo os seus ri-
Vol. V. DEZEMBRO 11. — 1841.

gorosos principios, tinham a pintura como arte ociosa, e que apenas servia de satisfazer ás vaidades do mundo. O pai do pintor, ainda que se comprazia com os progressos do filho, via-se accommettido de escrupulos, e ainda mais das instancias dos seus vizinhos e coreligionarios, que lhe propunham dedicar seu filho a algum genero de commercio honesto, ou arte reputada immediatamente util ás precisões da vida. — Os quakers, como é sabido, não tem fórmulas expressas de culto externo, mas costumam fazer certas reuniões em que falla á assembléa o que se reputa inspirado pelo espirito divino; e nesses ajuntamentos tambem decidem duvidas de crença e negocios da comunidade da seita. West pai sollicitou a convocação d'uma dessas assembléas, parcial em

rasão do districto de Springfield, em que residia nos estados inglezes do norte da America. Divergiram as opiniões, proposta a vocação e o futuro destino de Benjamin West, até que um dos membros mais venerandos (1) da reunião dos amigos [como elles se intitulam] ergueu-se e disse: — « De João West e Sara Pearson nasceu um filho, a quem Deus conferiu maximos dotes do entendimento; e todos acabámos de ouvir que por uma tendencia ou especie de inspiração o moço inclinou-se á arte da pintura. É verdade que pelos nossos dogmas rejeitamos a utilidade dessa arte para o genero humano; mas parece-me que pômos nisso demasiado escrupulo. Deus ministrou a este mancebo uma propensão, um genio para a arte; cabe-nos por ventura contrariar as disposições da sabedoria divina? E capacitar-nos-hemos que lhe concederia dotes tão raros, se não fossem destinados a fim louvavel e util? . . . Eu reconheço neste caso a mão sciente da Divindade: nós devemos acatar e adoptar a arte e dar impulso ao talento deste mancebo. »

Taes palavras fizeram impressão nos concorrentes; Benjamin foi chamado, e o orador progrediu demonstrando que pelo mau abuso, que das cousas faziam muitos, se não havia reputar que este ou aquelle objecto era mau. O discurso foi applaudido; os assistentes lançaram bençãos affectuosas sobre a cabeça do artista principiante.

Tão forte e permanente impressão fez no animo do joven West esta scena que se julgou para sempre dedicado á pintura, comprehendendo que só devia exercitar o seu talento em assumptos pios, ou graves e puros; e esta intenção solemne poz em pratica em todo o decurso da sua vida. Daqui também proveio manter sempre no porte a singela austeridade dos principios religiosos da sua familia: e tanta foi a sua rectidão moral, quanto immaculado o seu pincel.

Em Philadelphia e Nova-York trabalhou alguns annos, tirando retratos, e copiando originaes acabados: por esse tempo appareceu com o quadro biblico de invenção propria — Suzanna e seus corruptores juizes. — Com o beneficio de amigos e protectores, com o residuo de suas economias, ajuntou uma quantia modica, com que podesse transportar-se á terra mãe das artes, á classica Italia.

A chegada a Roma de um quaker americano para estudar as bellas-artes causou geral admiração: comtudo logrou ser admittido á conversação do cardeal Albani e por via deste á presença de muitas pessoas distinctas na capital catholica. Retratou Lord Grantham, e o transumpto foi mostrado n'uma grande sociedade de entendedores, e inculcado por obra do celebre Mengs, então o mais afamado retratista: todos disseram que o colorido era superior ao que Mengs empregava, mas que o desenho não era tão correcto. Mengs teve a generosidade de se não estimular deste incidente, ao contrario procurou e estimou o mancebo quaker; aconselhando-lhe as viagens pela Italia, a consultação dos primeiros mestres, como meios do aperfeiçoamento, e indicando-lhe o genero historico, como aquelle para que maior aptidão lhe divisava.

A saude de West era melindrosa; mas depois d'uma enfermidade grave, de que se restabeleceu em Liorne, adoptou o parecer de Mengs, e visitando as principaes galerias e estudos da sua presada arte, appresentou á academia de Parma uma copia do « S. Jeronimo » do Corregio, que lhe mereceu a honra de membro daquella corporação: tal era a excellencia do trabalho que o principe reinante de-

sejou ver o artista, que foi com effeito á presença do duque, mas de *chapéu na cabeça*; circumstancia nada estranhavel para o principe, que nem ignorava o character e estylo dos quakers, nem a condescendencia das leis inglezas a favor delles.

Passando pela Saboia á França residiu algum tempo em París; e por fim chegou a Inglaterra em meio do anno de 1763. Determinando fixar a sua residencia neste ultimo reino, mandou buscar á Pennsylvania a sua promettida mulher, Isabel Shervell, com quem se desposou em 1765. Travou logo conhecimento com o paizagista Wilson, e o famoso Josua Reynolds, a quem succedeu em 1792, com geral approvação, no cargo de presidente da Academia real de pintura. O arcebispo de York lhe tinha dado conhecimento com o rei Jorge 3.^o, grande prezador das artes.

West era assiduo no trabalho; longo é o catalogo de suas obras, que não é para aqui: só pelos quadros que pintou para o monarcha recebeu a quantia de 136:748 \$ 000 réis.

Durante a paz d'Amiens visitou París no intuito de examinar a collecção de estatuas e paineis recolhidos no Louvre: por esta occasião o receberam com applausos tanto os artistas, como o governo francez: estas honras, que em França lhe tributaram, não foram bem vistas em Inglaterra: na primeira eleição outro foi occupar a sua cadeira da presidencia da Academia; comtudo depois, em devido tempo, o reintegraram com acceitação unanime. O Instituto britannico (2) o remunerou com tres mil guinéus (moeda a que chamam *soberanos*) pelo quadro de « Christo curando um enfermo » —: uma copia do mesmo com que brindou o hospital de Philadelphia, pelo *producto da exposição*, pago pelos que a iam ver, habilitou o estabelecimento para alargar o edificio e receber mais doentes.

Falleceu em 1820, com 82 para 83 annos de idade; e o sepultaram com grande pompa na cathedral de S. Paulo: fazendo mais respeitosa a cerimonia não só o acompanhamento dos academicos e alumnos, como também a assistencia das pessoas mais conspicuas dos tres reinos-unidos.

D. PEDRO E D. JOÃO DO CARVAJAL.

1312.

II

Amores.

Tal amor em tal lugar, bẽ sinto os danos que tẽ, mas que deveria eu ao mesmo amor, ou que me ficaria devendo a quem eu o tenho, se de lhe querer bẽ me não nasce algum perigo? . . .

FRANCISCO DE MORAES. —
Desculpa de uns amores.

IA ESCURA e silenciosa a noite, que sobre a antiga Burgos estendêra amplo manto de trevas. — Nas profundidades do céu volteavam lentamente as nuvens que vindas do sul se amontoavam sobre a cidade, como ameaçando proxima tormenta. Pelas ingremes e tortuosas ruas nem um só vulto se movia—e quem áquellas horas tristes e negras se atreveria a transpor o limiar da sua porta e aventurar-se entre assombras da noite, os presagios da tempestade e os ferros dos malfeteiros? — Apenas, como echo de mau agouro, o longo o gemebundo uivar de

(1) John Williamson: João filho de Guilherme.

(2) British institution.

um cão distante quebrava momentaneamente a mudez da noite, calcando mais para o intimo da alma aquella dolorosa tristeza, tão espalhada em todas as cousas do céu e da terra. E se as vestes de luto que envolviam a cidade inteira eram rotas n'alguma parte pelo reflexo de luz, que, no perpassar rapidamente no interior d'uma casa, pelas fendas da estreita gelosia o entornava para fóra fazendo alvejar entre a escuridade a parede fronteira, esse reflexo corria veloz como o pensamento creando sombras gigantes de phantasticas imagens e tudo voltava a mais pesada e tristonha negrura. — Dormiam todos ou pareciam dormir, e a cidade inteira similhava repousar encostada ao dorso da montanha.

Quem é pois o destemido que em tão escura noite segue a rua tortuosa que leva áquelle formoso terreiro? Quem lhe deu animos e brios tamanhos que o fazem desprezar os fachos da tormenta que principia'n a accender-se e os arteiros olhos dos assassinos que começam a se abrir? — Será força que leve n'alma sobeja valentia e na cabeça bem assentado projecto, para a tão medonhas horas trocar os regalos do leito pelos perigos da rua. — E por que esse outro vulto tão cuidadosamente rebugado o segue com passos medidos, parando quando elle pára, encubrendo-se quando elle olha, e caminhando quando elle caminha? — Sigamo-los tambem.

Com porte leve e seguro lá dobrou o mais adiantado dos nocturnos aventureiros o angulo do terreiro — lá o segue apressado o vulto incognito — lá volta tambem o angulo. — E... ei-los que se encontram! Apesar do escuro da noite e da negrura do seu manto, o primeiro déra pelo segundo, e em fera attitudo com a mão no punho da sua boa espada, e a voz altiva e firme agora, o esperava resolutamente a conhecer de bom ou mau grado o misterioso companheiro, que assim tão importuno se tornava. Pela sua parte, o segundo apenas viu que fóra descoberto ficou immovel como um marco junto do angulo e como se adherisse a elle. — E ambos se olharam momentos em absoluto silencio.

«Olá Sr. rebugado, quem quer que sejais, se não desejais que a minha espada faça conhecimento com o vosso peito, permitti que os meus olhos o tomem com o vosso rosto.»

Nem uma palavra seguiu a dura interpegação do primeiro dos aventureiros — unicamente o vulto, cada vez mais cosido com o angulo a que se encostava, pareceu recuar quasi insensivelmente.

«Silencioso sois, Sr. rebugado — acudiu o insoffrido interlocutor que nos gestos e ademanes parecia tomado de despeito e contrariedade. — Silencioso sois, e por arte que será mister ir arrancar-vos as palavras ao logar em que tão cuidadosamente as guardais. Esse misterio com que vos cubris, força é que seja tão negro como o vosso manto, para que assim occulteis o nome e o rosto. — Pois bem, senhor incognito, por mais tremendo que seja o misterio heide desenterrarvo-lo do peito, por mais poderoso que seja o nome heide arrancar-vo-lo dos labios.»

E, dizendo, travara com ancia da fiel espada e adiantára-se resolutamente para o desconhecido — n'isto um subito pensamento pareceu revolver-lhe os intimos d'alma, e com voz tremula de espanto e ameaçadora de raiva rompeu de novo o silencio, parando convulsamente.

«Fallai, Sr. rebugado, fallai, que uma suspeita cruel me retalha as entranhas. — Que eu ouça uma só palavra da vossa boca... e bem-direi o céu se essa voz fór voz de assassino — se essa palavra fór palavra mortal... Fallai, Sr. rebugado, fallai que me mata com mil mortes esse silencio duvidoso. —

Fallai, que senão fallais e sois o que penso, n'um passo, e n'um movimento mais que eu faça, ha crimes que horrorisarão a Deus e farão estremecer os homens... Uma palavra, um nome... um nome sequer...»

E da voz e dos olhos pendia-lhe a alma inteira.

«Ainda não é tempo» — sussurrou lentamente o desconhecido, como se fallára comsigo mesmo.

«Deus seja louvado» — acudiu, respirando longamente, como se de sobre o peito lhe tirassem um peso enorme, o primeiro interlocutor, e levando os olhos e as mãos ao céu. Quando passado este momento de novo quiz dirigir-se ao misterioso incognito... já elle tinha desaparecido. Quando do angulo do terreiro estendeu as vistas pela rua que para elle dizia... a rua estava muda e deserta.

E o vento começava a silvar furioso, e amplas fitas de fogo cortavam o firmamento negrissimo.

«Que importa» — disse lá comsigo o atrevido aventureiro — que importa que um descortez me seguisse ou um malfeitor me fugisse! Tenho a minha espada affiada e cortante. Que importa que a tempestade comece a rugir! Tenho a consciencia limpa e sem mancha! — Que importa ainda o que elle disse! Pareceu-me ouvir-lhe: «ainda não é tempo — *Santo cuerpo de Dios!* Venha quando quizer que me hade encontrar a toda a hora e sempre com a adaga em punho e a espada ao lado, como convem a um bom hespanhol e a um honrado cavalleiro.»

E ufano caminhava entre as sombras com o passo ligeiro e a fronte erguida.

A um lado do vasto terreiro havia um alcaçar antigo, todo crivado de frestas e gelosias, vistosamente ornado de columnas e ogivas, muito para se verem, e tão galhardamente soberbo de seus cirados e delgados curucheus que era gran maravilha o contempla-los. E o alcaçar era todo povoado, como dissemos, de gelosias — em baixo e em cima. — E de cima trasbordava abundante o ruido estranho d'uma festa dissoluta, o tocar dos copos, as gargalhadas insensatas, o folgar ruidoso e doido dos mancebos, e os raios espreitadores da luz que atravez das esguias aberturas sahia a derramar-se em feiches luminosos no amplo terreiro. E em baixo uma linda e moça dama ondeando-lhe ao som do vento a trança negra e abundante, solitaria em sua erma gelosia, palida de susto, anciada, anhelante e tomando da sua propria commoção novas formosuras que ajuntava ás tão perigrinas que já tinha, parecia esperar entre alvoroço e timidez, entre receios e esperanças, alguém que lhe tardava. — O alcaçar era dos Laras. A donzella era Yolanta.

Subitamente as faces da gentil flôr de Burgos coraram, seu peito arfou mais violento, e suas vistas alongaram-se avidamente. — A noite era escura, e os ouvidos primeiro que os olhos tinham annuciado ao coração uma nova bem cheia de interesse. — Era o nosso aventureiro que, tendo examinado cauteloso quanto o cercava, parára debaixo da gelosia.

«Que tarde vieste hoje, D. Pedro!» — Disse uma voz clara, sonora e dulcissima, que por assim dizer cantava ao coração e despertava as mais doces musicas da phantasia.

«Tarde — voltou D. Pedro do Carvajal, que esse era o mancebo, e já os nossos leitores o terão advinhado. — Tarde, amor de minha alma, e bem tarde para quem tanto soffre na ausencia! Mas que queres tu, meu anjo? O odio dos teus que me persegue ás claras, não me abandona nas trevas. — Quando levo uma das mãos ao coração para ahí palpar a tua imagem, levo a outra á espada para procurar a

minha vida. Que queres tu se as horas passam tão lentas para meus votos tão velozes. — Oh! pura chamma d'este peito, meu sol e minha luz, nem tu eras para tão escondidos amores, nem horas tão mortas são para tão vivos desejos!

Os risos e as luzes tinham-se pouco a pouco extinguido. O silencio era absoluto.

«Mais devagar, D. Pedro, respondeu a donzella, que lá em cima meus irmãos e meus parentes gastam a noite em bebidas e folguedos. . . . Se te elles ouvissem. . . .»

«E todavia, Yolanta, força é que me elles ouçam uma vez. Estes odios que me legou meu pai e todos os meus, odios antigos e legitimos, porque sempre que um Carvajal chorou riu-se um Lara, estes odios, por ti, pomba pacifica, heide eu esquece-los e apertar com mão d'amigo as mãos que apertam ferros inimigos, heide propor um pacto de paz aos que em si revolvem projectos de guerra, mas o nó deste laço hasde ser tu Yolanta, que virás comigo orar a Deus sobre a sepultura de meu pai, e espalhar flôres no tumulto de minha mãe, tu, alva rosa da Castella, tu serás a medianeira, e mal do que nem se esqueer do passado nem acolher tal pacto, porque esse será um abandono de Deus e um filho do demonio.»

«Ai D. Pedro que, mais do que tu, quizera eu essas raivas já findas, e já acabado este importuno segredo com que nos fallámos. . . . mas que hade ser. . . . Tenho medo. . . .»

«Medo tu, e de que? . . . Serão por ventura elles tão barbaros que se atrevam a maltratar-te, a ti, fragil lyrio do valle, a quem um sopro quebraria. — Yolanta, que se atrevam. . . .»

«Hão-de atrever-se!»

Clamou com brado rijo uma voz estranha, que perto se fez ouvir, e dez espadas surgiram das sombras e vieram cruzar-se com a espada já nua do mancebo D. Pedro.

Um grito agudo seguiu esta scena e o baque de um corpo fez-se ouvir no interior do alcaçar.

«Covardes, bradou o valente Carvajal, Deus será por mim!»

«E o teu amigo!»

«E teu irmão!»

Disseram mais dois moços alentados que corriam a involver-se na briga desigual. — Duas espadas lampejaram ao lado de D. Pedro.

Era uma a de Benavides amigo dos Carvajales que por acaso por alli passava; era a outra a de D. João que d'esta vez cumpria um dever de amigo e de irmão.

Os tres faziam maravilhas e a brava lucta foi em breve decidida. — Tres ais quasi simultaneos romperam o silencio só quebrado pelo stritor das armas, e tres corpos cahiram pesadamente no chão lodoso da praça.

Era o primeiro o do misterioso desconhecido que tinha o rosto cuberto com mascara, e que os aggressores fugitivos levavam consigo. O segundo o de D. João, e o terceiro o de Benavides.

Instantes depois D. Pedro ajoelhado na terra junto de seu irmão moribundo orava por elle e por outra alma que já deixara o corpo.

O cadaver de Benavides jazia no chão com sete feridas mortais!

(Continuar-se-ha).

ARCHIPELAGO DOS AÇORES.

3.^o

PROSEGUINDO em nosso intento de publicar as no-

ticias, que ácerca destas ilhas podermos colligir, continuámos essa tarefa no presente artigo, e assim iremos tratando dellas, em quanto escriptores nossos ou informações fidedignas nos subministrarem materia.

A ilha Terceira, que pelo ser na ordem do descubrimento assim foi denominada, tem sete leguas no maior comprimento e quatro na maior largura: começou a ser povoada em 1450, seis annos depois da de S. Miguel, doando-a o Infante D. Henrique a um fidalgo flamengo, Jacome de Bruges, cavalleiro do serviço do mesmo Infante, e que neste reino casára com uma dama da infante D. Brites: o provimento desta concessão é datado de Silves em Março de 1450; nelle se authorisa a continuação da mercê na linha feminina, por não ter o donatario successores varões; com effeito a filha primogenita desposou-se com Duarte Paim, commendador da ordem de Santiago, fidalgo inglez, filho de outro, que viéra a Portugal por secretario da rainha, D. Filippa de Lencastre, mulher do Sr. D. João 1.^o: todavia o immediato successor, fructo desse matrimonio, foi excluido do direito á capitania, por descaminho do titulo conferido a Jacome de Bruges, como noticia o P. Cordeiro no livro 6.^o da sua Historia, cap. 2.^o

João Vaz Côrte-real, e Alvaro Martins Homem, exploradores dos bancos e costas da Terra-Nova (1) requereram o senhorio da ilha, que obtiveram como consta por uma carta passada em Evora, aos 2 d'Abril de 1464, em nome da infante D. Brites, como tutora e curadora de seu filho o duque D. Diogo, viuva do infante D. Fernando, que succedera a seu tio o infante D. Henrique no mestrado da ordem de Christo. A repartição da ilha ficou *ad libitum* dos dois fidalgos: e na mencionada carta, registada no livro antigo do tombo da camara d'Angra, a f. 243, se lê o seguinte: — *mandey ao dito João Vaz que escolhesse, e escolheu da parte de Angra, e leyrou da parte da Praya, em que o dito Jacome de Bruges tinha feyto seu assento, e a mim approve dello, e lhe hey por feyta a mercee da dita parte, porque da outra mandey dar sua carta ao dito Alvaro Martins.* Assim coube a Côrte-real a capitania de Angra, chamada hoje do Heroismo, nobre cidade capital da ilha, e que já foi cabeça de todo o archipelago: e a Martins pertenceu a da Villa da Praia, dita da Victoria, em rasão da memoravel alcançada pelas tropas constitucionaes em 11 de Agosto de 1829; povoação ainda ha pouco florente, e agora lastimosamente arruinada a impulsos do violento terremoto neste anno.

Extincta a linha de successão dos descendentes de Martins nos desditos tempos do cardeal rei, parece que a varios foi destinada, mas sem effeito, a capitania vaga da villa da Praia, chegando a governar a terra por alguns annos um varão nobre e rico, da mesma Terceira, oriundo da antiga familia dos Pamplonas; até que dominando Philippe 2.^o foi investido na capitania D. Christovam de Moura, ardente fautor dos interesses castelhanos. Este reuniu em sua casa á capitania da Praia as de Angra, e S. Jorge, pelo casamento que celebrou com D. Margarida Côrte-real, possuidora das duas ultimas. — Os descendentes das illustres familias da ilha, que são muitas, podem ácerca de suas nobres e antigas ascendencias consultar o P. Cordeiro no livro 6.^o que largamente trata o assumpto, em não menos de oito capitulos, de pag. 307 a 358. Para o

(1) Consulte-se o que sobre estes navegadores escrevemos no principio do artigo sobre a pesca do bacalhau, e a ilha da Terra-Nova, a pag. 10 do 3.^o vol.

mesmo auctor remettemos os que desejarem amplamente conhecer o estado antigo das provincias ultramarinas [que d'antes chamavamos *ilhas adjacentes*] até o principio do seculo passado. Deixadas estas circumstancias entraremos pelo campo da historia, por ser d'interesse mais geral.

Sabido é que o filho bastardo do infante D. Luiz, o prior do Crato, D. Antonio, foi aclamado rei em Lisboa e Santarem, e que em seu nome se cunhou moeda, hoje rara d'encontrar; diligenciou elle ser reconhecido nas ilhas, e com effeito o foi, primeiro em S. Miguel, depois na Terceira, sendo nomeado em 1580 governador pela voz de D. Antonio, o corregedor Cypriano de Figueiredo e Lemos: e tanta foi a lealdade açoriana, que mettido de posse destes reinos D. Philippe 2.^o, e desterrado por França o seu competidor, recusaram obediencia e reconhecimento ao monarcha hespanhol. Pelo que, em 20 d'Abril de 1581 expediu-se de Lisboa o galeão S. Christovam, levando a bordo, com o titulo de governador dos Açores e grande alçada, Ambrosio de Aguiar Coutinho, um dos que foram resgatados do captiveiro de Africa, adversario porem de D. Antonio, porque este o retivera preso em Setubal: logrou de passagem, por um commissario seu, converter a ilha de S. Miguel ao dominio intruso, chegado porem á vista de Angra teve o desgosto de ver baldadas as suas promessas e ameaças, e outro tanto lhe aconteceu reiterando-as de S. Miguel, onde se recolhêra. Necessario foi recorrer á força manifesta para reduzir a Terceira, e a esse fim sahiu do porto de Santa Maria D. Pedro Valdez com sete náus, e com mil soldados, afóra muita fidalguia e as tripulações: no posto da Casa da salga lançou em terra um golpe de gente, que orçava por 400 homens: acudindo porem os da villa da Praia, e trazendo na frente grande quantidade de gado, para lhes servir de trincheira volante e embaraçar o primeiro impeto dos castelhanos, cortaram pelos inimigos causando-lhes grande destroço, pondo-os em estranha confusão, e mettendo-os á espada, sem a nehum darem quartel, de fórma que na refrega pereceram muitos nobres, e entre elles um sobrinho do marquez de Santa Cruz, outro do duque d'Alva, e o mestre de campo Valdez, primo do general: este descoroçoado levantou ferro e levou a S. Miguel, com a nova da pertinaz resistencia, a da perda experimentada. Infructuosa foi igualmente a tentativa de outra armada de vinte e duas velas, em que entravam galeões e outros vasos de grande porte, em Agosto do mesmo anno de 1581.

Pelo meado de Julho de 1582 chegou ás aguas da ilha de S. Miguel uma poderosa frota, que os francezes prepararam a D. Antonio que nella vinha em pessoa, demandando a Terceira; trazia por general do mar e condestavel o conde de Vimioso, portuguez, alliado por sangue com a casa real; e por general das tropas, o marechal Philippe Estrosse: montava a sessenta o numero das vellas, e a oito mil os soldados de peleja, quasi todos francezes. Em 16 de Julho deitou esta armada gente em terra, cousa de tres mil homens, na ilha de S. Miguel, que estava por elrei de Castella, no porto de Calhães, entre Alagôa e Rosto de Cão; desembarcou tambem D. Antonio, mas não pôde obviar aos estragos, que commetteu a soldadesca estrangeira, a quem pouco doía o prejuizo dos naturaes, por isso talavam campos, saqueavam casas, escapando apenas Villa-Franca, que logo se rendêra e a bordo mandára comprimentar o novo rei D. Antonio; chegou a cousa a pontos que este para salvar do saque a igreja matriz de Ponta-Delgada teve de lhe man-

dar pôr guardas bem reforçadas. Restava só por Castella a fortaleza da cidade; e tudo se dispunha para lhe darem assalto, quando se avistou uma forte armada hespanhola, no dia 21, que obrigou os francezes a recolherem se á sua para lhe apresentarem combate. Luzida em gente, e poderosa em quantidade de embarcações, era a esquadra, que sahira de Lisboa, commandada pelo marquez de S.^{ta} Cruz: tres dias velejou á vista da contraria, sem poderem vir ás mãos, até que por fim se travou no dia 24 de Julho renhidissima batalha naval, em que de parte a parte se pelejou com arrojo e esforço; a victoria coube por fim a elrei D. Philippe, porque morreram o general francez, o conde de Vimioso e outros senhores: não obstante isso os vasos de guerra de Castella soffreram grande derrota: recebido porem em 3 d'Agosto um grande reforço, provindo de Sevilha, de dezeseis náus, intentou o marquez commetter a Terceira, mas teve em resposta de suas proposições e alardes tanta e tão pesada artilheria que largando a empreza voltou a Lisboa.

Não faltavam em Angra algumas parcialidades a favor de D. Philippe, e já isso motivára scenas lastimosas; porem o commum do povo mantinha a obediencia prestada ao pertendente portuguez. Não entrára D. Antonio na peleja defronte de S. Miguel, mas saltára na Terceira, no porto de S. Sebastião, acompanhado da milicia de sua guarda: ahí recebeu a noticia funesta da perda da batalha. A primeira visita que fez foi a D. Violante do Canto e Silva, rica morgada, senhora de uma casa de mais de cem mil cruzados, e que muito dispendêra em auxiliar a causa de D. Antonio.

Conseguiu o prior do Crato organizar nova armada para ir por diante com sua empreza, mas parece que a fortuna o perseguia, pois com rija tormenta se desgarraram muitos navios, e uns foram dar a Lisboa, outros á costa de França, outros á d'Inglaterra; por fórma que teve de recolher-se á Terceira, donde partiu com as embarcações, que pôde reunir, a buscar o auxilio do rei christianissimo, e logo em Paris tratou de enviar á Terceira um reforço de 1:500 homens, com artilheria, e munições respectivas. Voltou porem de novo sobre a ilha o marquez de Santa Cruz com maior e mais forte armada, composta de noventa e sete velas, contando-se cinco galeões e trinta náus grossas; desembarcou na praia da villa de S. Sebastião em vinte e quatro de Julho de 1583, e dois dias depois investiu contra o mal ordenado exercito da ilha, que constava dos naturaes e de francezes e inglezes em corpos diversos: o Conde de Torres-Vedras, Manuel da Silva, que então governava, nem era bemquisto, nem homem conveniente para a defensão: o partido de D. Antonio perdeu a batalha, os moradores retiraram-se para as montanhas, e Angra abandonada experimentou um saque completo: o dominio intruso de Castella estabeleceu-se nos Açores. Como antes se tinham suscitado sanguinolentas dissensões, e tomado providencias vexatorias, que sempre nascem d'um estado violento, muito mais quando reinam parcialidades, e a confusão dos negocios; assim depois se seguiram vinganças e castigos de mortes e fiscos apesar das illusorias promessas de perdão e esquecimento.

Soffreu o archipelago açoriano as pesadas seis decadas do jugo estranho, que se dilatou por toda a grandeza da monarchia lusitana; porem assim como fôra o ultimo a render-se, quiz ser dos primeiros a resgatar-se, porquanto tendo sido aclamado no continente o Sr. D. João em Dezembro de 1640, logo o foi na Terceira, na villa da Praia aos 25 de Março do anno seguinte, pela camara e povo com o seu

capitão-mór, Francisco D'Ornellas da Camara. Este, que se achava em Lisboa no acto da restauração, levou á ilha a feliz nova, e a espalhou em Angra, acautelando assim os habitantes contra os preparativos e providencias do governador por Castella, que receoso do animo e fidelidade portugueza dos naturaes tratava de se fazer forte no famoso castello, que então se chamava de S. Philippe, pelo ter fundado Philippe 2.^o, e hoje se denomina de S. João Baptista, appellation, que tomou depois de aclamado o Sr. D. João 4.^o Esta fortaleza, que se póde dizer praça inexpugnável, está na ponta de oeste sobre um morro, alto, negro, talhado a pique, por nome o *Monte-brasil*: no tempo, de que vamos fallando, tinha 500 praças de guarnição, afóra quasi outros tantos capazes de pegar em armas, munições e mantimentos em abundancia, e 160 peças d'artilheria, muitas de grosso calibre; na ponta de leste o castello fronteiro de S. Sebastião, ainda que muito menor, estava tambem presidiado pelos castelhanos. O intento principal do governador era assegurar-se das principaes pessoas, mais influentes na ilha; mas as suas diligencias acceleraram a explosão do entusiasmo nacional, porquanto mandando sob falsos pretextos prender a uma pessoa illustre da cidade, Antonio do Canto e Castro, este bem conhecedor do engano recusou dar-se á prisão, e pretendendo os castelhanos leva-lo por força, o povo, e uma companhia portugueza, que occupava um posto de guarda, o impediram, obrigando os intrusos a recolherem-se a seus postos, e soltando os gritos de: Liberdade, Viva D. João 4.^o A camara, o capitão Jeronymo da Fonseca, o sargento mór, Andre Nunes da Fonseca e alguns nobres tinham premeditado para mais tarde a restauração nacional; mas forçoso lhes foi descobrirem-se para aproveitar o ardor dos animos populares: dos armazens se tiraram armas e polvora; acudiu da villa da Praia Francisco D'Ornellas com 1:500 homens; e baldados foram os tiros dos castelhanos encerrados no castello, que dispararam sobre a cidade. O povo tapou logo as bocas das ruas, levantou trincheiras no lado opposto ao castello, e quando o governador hespanhol viu que os não amedontrava, gastando polvora e bala superfluas, porque os tiros mui altos, pela posição respectiva para com a cidade, pouco prejuizo causavam, decidiu-se a sahir com gente armada contra os que apellidava amotinados; foi porem rechaçado, que já os habitantes tinham construido seus reparos com *fortes taboados, pipas cheias de terra, guarnições de couramas* [como diz Cordeiro]; e o valor pessoal que nessa crise desenvolveram bem mostrou que em rasa campina susteriam e rebateriam o ataque dos contrarios. O posto dos quatro cantos defendia o capitão João d'Avila; o segundo, onde estava então o collegio velho dos jesuitas, era mantido por Balthazar da Costa; e junto á Ermida da Boa-Nova, sitio mais arriscado, combatia João Teixeira: postos guarnecidos pelos naturaes, que não só repelliram o accommetimento, como até pozeram em derrota os aggressores. Largamente refere este e os seguintes successos o citado auctor da *Historia Insulana*; mui brevemente o conde da Ericeira, mas assentámos que devemos pôr aqui um periodo seu, do *Portug. Rest.* tom. 1.^o pag. mihi 129.—» O bom successo, e o pouco damno, que as balas faziam na cidade, animou os moradores, muito dignos de grande louvor por se arrojamem a uma empreza, que parecia quasi impossivel, abraçando-a sem disciplina, sem dinheiro, sem instrumentos d'expugnação, e com poucas munições, e conseguindo-a sem mais socorro que o da sua constancia.» —

No dia 28 de Março, quinta feita maior, foi tomado pelos portuguezes o forte de S. Sebastião. — «E foi tão importante termos este castello, que com elle segurámos o não poder pelo porto vir socorro ao castello grande; e o segurarmos nós por detraz delle os nossos navios, que se achavam aos ilheus, e o segundo porto das aguas de S. Sebastião, donde se sahia a pescar e se vinha então vender o peixe» — (2).

De Sevilha, de S. Lucar, e tambem da Corunha, mandou Castella varios socorros aos seus; *mas com tão infelice successo dos sitiados que todos cahiram nas mãos dos expugnadores* (3). Da tomada das primeiras embarcações foi motor, Manuel do Caño e Castro, filho da Terceira, que com ellas vinha, por ardid d'antemão premeditado, ao mesmo tempo que os ministros de Castella se persuadiam que a auctoridade e valia de tal pessoa seria bastante para reduzir os revoltosos. Os navios hespanhoes, successivamente apresados, vieram a constituir uma especie de pequena esquadra, que auxiliava contra força maior os leaes habitantes da Terceira. As outras ilhas promptamente, a exemplo desta, se resgata-ram, e enviaram socorros a Angra, vindo entre outros, Manuel Corrêa de Mello, da Graciosa, que foi arvorado commandante da força maritima, Diogo Leite Botelho de Vasconcellos, de Ponta Delgada, e Manuel Medeiros da Costa, tambem de S. Miguel, todos com gente que levantaram, para concorrer ao sitio do castello.

O capitão-mór d'Angra, João de Bettencourt [ou Bettencor] e Vasconcellos tinha mandado celebrar na sé a aclamação solemne de elrei D. João 4.^o em 31 de Março de 1641. Continuavam as cousas no estado, que deixámos descripto, sem que de Lisboa chegassem auxilios, que, se promptamente fossem ministrados, terminariam mui prestes a rendição do castello, que custou quatorze mezes de aturado sitio; porem alguns dos avisos expedidos da ilha foram interceptados por piratas barbarescos, e os que chegaram mais tarde não foram talvez attendidos como cumpria, em rasão da grande escacez de meios, e confusão de cousas em que a guerra da restauração nos tinha empenhado. Certo é que em Abril chegou a Angra uma náu hollandeza, provinda da capital destes reinos, que levou a noticia da paz com Hollanda áquem da linha, e juntamente munições de guerra: este vaso, outro da mesma nação, que chegou do Faial e um navio das Indias, com os que já havia, prefizeram uma frota de onze velas mantidas pela ilha Terceira e com as quaes se apresentava contra qualquer socorro que aos contrarios fosse mandado de Castella.

Proseguiu com vigor o cerco, mas o governador defendia a praça com tenacidade: durante elle houve alguns recontros entre os sitiadores e sitiados, sempre com vantagem dos primeiros, como foi na refrega de 20 de Maio em que os castelhanos de novo accommetteram as trincheiras, na sortida malograda do 1.^o d'Agosto, nos assaltos que os nossos deram em 6 e 28 de Dezembro aos reductos dos contrarios, em que os tomaram com estrago e desalento do inimigo: até que finalmente a fome, a nenhuma esperanza de socorro, a murmuração dos soldados, obrigou D. Alvaro de Viveiros, commandante hespanhol, a pactuar a entrega do Castello, que rendeu aos 16 de Março de 1642, anniversario do dia, em que outro D. Alvaro, o Marquez de S.^{ta} Cruz, sessenta annos, antes o havia tomado aos portuguezes. Glorioso foi este feito para os naturaes, e

(2) Hist. Ins. pag. 385.

(3) Port. Rest. pag. 129. edic. in fol.

por isso elrei os agraciou com varias mercês; um porem destes homens, primeiro auctor dos felizes successos da ilha, chegou depois, no anno immediato, a estar quasi perdido, victima da calumnia, envolvido por seus inimigos no tenebroso enredo, que levou ao cadafalso o infeliz Francisco de Luceña: não valeram a Francisco d'Ornellas da Camara os relevantes e ainda tão recentes serviços, que praticára: por suspeitas o lançaram n'uma masmorra, donde é verdade sahiu livre das calumnias arguidas: mas como recompensar-lhe sustos e incommodos?.. Não quiz elle acceitar satisfação, antes se embarcou logo para a ilha, sua patria, a fugir da côrte e a procurar descanso entre os seus. Este facto suscitou ao conde da Ericeira a seguinte reflexão (4). «Tão perigoso é o officio de soldado, que passadas as occasiões, em que os principes necessitam do seu prestimo, não ha alicerce tão firme que o segure da menor tempestade.»

Cortámos aqui o fio do discurso, porque já vai largo este artigo, em outro continuaremos os successos historicos e mais particularidades da nobre ilha Terceira.

PROBLEMA.

Qual é mais prejudicial ao principe, servir-se de ministro adulator, ou ambicioso? Defende-se que o ambicioso.

GRANDE desgraça de um principe servir-se de ministro adulator! porem ainda maior infelicidade governar-se por ministro ambicioso! Os que approvam todas as resoluções dos soberanos fazem-se vassallos até no entendimento; e não sei que esteja mal a um principe o dominio do immortal. Bem conheço que adula-lo não será pertender-lhe o acerto; quem negará que é temer-lhe a indignação? Ao menos já leva a lisonja confessada a veneração no medo; porem nos desconcertos da ambição o primeiro vendido é o monarcha; e que maior rebeldia para a magestade que estar a sua reputação dependente da cubiga do ministro, pondo-lhe prego, ou á benignidade do favor, ou á rectidão da justiça? A adulação é um affecto, ainda que servil, menos indecente, pois só tem por objecto o gosto do principe; e como este nasceu para mandar, desacerta sómente no modo de obedecer; mas a ambição, sacrificando os soberanos aos seus interesses, os obrigam a idolatrias indignas, fazendo-os victimas de simulacros infames.

Estes dois vicios são o contagio dos imperios, e para que com melhor individuação se desempenhem os preceitos do problema, descreverei a ambos, regulando pelos seus effeitos as suas qualidades. É impossivel que com ministros adutores possa haver principes perfeitos, porque aspirando todos a parecer divindades, mal quererão arrependem-se de desacertos adorados, ainda quando os conhecem. Para que haviam de arriscar com a emenda o culto que estavam conseguindo com o vicio, e mais quando em tudo o que toca ao seu respeito não costumam a disputar a razão, senão as ceremonias?

Como queremos que melhore de costumes, se, vendo-os na lisonja dos vassallos estabelecidos como leis, lhe enfeiam a utilidade pela obediencia? Esta é uma das mais nocivas circumstancias do absurdo applaudido, interessar-se na sua conservação até a vaidade de quem o commette.

O certo é que desordens louvadas não se reprimem,

sem que se entre no receio de malquistar-se com o sequito que as applaude. Para a correção dellas não basta só reduzir a vontade, é necessario tambem concorrer o entendimento, porque na fé da verdade do ministro que as acredita, se tem já feito rasão a confiança.

A lisonja logo que applaude os vicios, condemna as virtudes; porque são os dois extremos mais oppostos, como antipodas, quanto mais um se eleva, tanto mais o outro se precipita. Dizem muitos que a adulação póde ser um acto indifferente; porem eu dissera que sempre é culpavel, porque ainda quando aconteça louvar-se o justo, como fizera tambem ao indigno o mesmo, a indifferença esteve da parte do accidente e não da intenção. Os acertos não se devem regular pelos acasos, porque não são virtudes as que dependem dos successos.

Para os principes não ha infidelidade mais condemnavel que a lisonja. Conjurarem-se contra a sua opinião é muito peor que contra a sua vida, porque é sem duvida que não nasceram nem para eternos, nem para escandalosos; com que parece que os offende menos quem os quer mortaes antes que delinquentes. Vai grande differença de conspirar contra a vida da natureza, ou contra a vida da memoria; esta segunda conjuração, não é menos que fazê-los caducos na parte em que só podiam ser immortaes. Que inconfidencia mais cruel, que escurecendo-lhe a reputação, entregar as suas acções á fama, tão cadaveres de acertos, que só façam horrores á posteridade?

Quando se acham applaudidos dos ministros os defeitos dos principes, ainda lhe custarão mais escrupulos os remedios que as desordens, porque, na supposição de virtudes, se retardará o arrependimento na duvida de auxilio, ou de tentação.

Ordinariamente são os soberanos os mais prejudicados no vicio da adulação, porque é quasi inseparavel dos ouvidos dos poderosos, que é um affecto hypocrita, que, revestido de respeito, leva dissimulada a dependencia, e por isso nunca se resolve a cortejar os infelizes. Quando são os instrumentos da lisonja os primeiros ministros, é mui difficil reparar-se o damno de que são origem; porque se introduz na confiança das magestades, apadrinhado da auctoridade das pessoas, e como sempre fallam á vontade dos soberanos, para crerem o que injustamente lhes approvam, tambem está nelles a propensão do genio, contribuindo para os esforços da fé, e depois de estar tanto adiante a corrupção dos costumes, oh como serão violentos os regressos da natureza!

Os que teem a fortuna de assistirem aos monarchas, só hão de attender em conservar-lhes inteira a magestade na opinião: que cuidado mais inutil que empregar-se na satisfação do seu gosto podendo occupar-se na immortalidade da sua fama? Não importa que excedam aos outros homens no esplendor do nascimento; os ministros illustres hão de obrar tão altamente na educação dos principes, que ainda se avantajem aos que lhe deram o sangue, fazendo-se progenitores do seu espirito; a gloria será, pois não podem crescer em fortuna, obriga-los a que melhorem d'alma.

Estas são as qualidades da lisonja, e parece que não póde produzir peores effeitos a ambição; porem ainda são mais vituperaveis; porque a ambição é uma hydropisia do interesse; assim como este mal é incuravel nos corpos humanos, assim este vicio é irremediavel nos animos avarentos. A lisonja segue a inclinação do principe: o ambicioso só se deixa attrahir da sua. Quem negará que já nesta parte é

(4) Port. R. L.º 7 pag. 432 edic. in folio.

muito menos nobre, pois tem objecto tanto mais inferior? Todo o cuidado do ministro ambicioso é accumular fazenda, ainda que seja commerciando com a justiça; parece que se não contenta de exercitar um vicio sem que se duplique a culpa no estrago de uma virtude. A favor das suas conveniencias de tal modo interpreta as leis, que parece que é elle o que as institue, e fallando assim á mente do principe, quando o lisongeiro só se satisfaz de ter parte no seu favor, o ambicioso até intenta ter jurisdicção no seu entendimento, atrevendo-se para perniciosos fins, não só a decifra-lo, mas a pervertê-lo.

Não ha occupação publica que não ponha em praça; miseravel, pobrissimo vicio, pois o vender argue necessidade! Que maior opprobrio da ambição que a antipathia que tem com a generosidade? Como deixará de ser o peor dos vicios aquelle que tem por contraria a melhor das virtudes? A lisonja não tem nenhuma opposição com o liberal, antes se quizessemos desculpa-la, poderamos dizer que de generosa até se não atreve a condemnar os vicios. Já disse que da ambição do ministro o primeiro vendido era o principe; agora digo que não só lhe vende a pessoa, mas o espirito, porque a alma da magestade é a justiça; corrompidas as leis, não é mais que cadaver a soberania.

Vender os logares áquelles que possuem mais, é dar á fortuna o que tocava ao merecimento: e que maior fatalidade de uma monarchia que estar a administração dos premios só á conta dos influxos das estrellas? Os ministros que iniquamente vendem os cargos da republica, todo o dinheiro que recebem por elles, parece que o recebem, não em desempenho do seu contracto, mas em satisfação da sua injuria. O peor de tudo é que de uma venda se originam muitas vendas; porque aquelle que comprou o logar fica tambem com razão para o vender. Infelizes os principes que se servem de tão desestimaveis ministros! Chamo-os assim, porque em semelhantes homens, ainda que se conserve a fórma, está desmentido o racional.

Se os indultos, concedidos á singularidade das artes, se praticassem tambem com os unicos na malicia, que privilegiados que estariam estes ministros para o castigo! O certo é que por horrivel que fosse a condemnação, como inferior á grandeza da culpa, se veria ainda infamada a rectidão da justiça. Finalmente para que em tudo a ambição seja mais abominavel até inclue em si o vicio da lisonja, porque todas as vezes que se interessa se adula (*).

CULTURA DA LUZERNA CONJUNCTAMENTE COM O CANHAMO.

Um proprietario francez escreve o seguinte. — « Por mais preciosa que seja a cultura da luzerna faz tão lentos progressos na maior parte das nossas provincias, que parece que os donos das terras mais querem fazer pequenas experiencias do que cultivá-la como pastagem, ou prado artificial, de necessidade. Dizer que ella prospera em todos os terrenos é erro; que cresce bem em terras de pousio ou mal preparadas [salvo as que de sua natureza são muito boas] tambem é erro; ella requer um chão de bom fundo, que não seja uma leve camada á superficie; e quer alem disso que o tenham amanhado com repetidas lavouras e necessarios estrumes: mas a ceifa

(*) Este trecho foi escripto por Julio de Mello e Castro, que publicou memorias da vida de seu pai: dá idéa do estilo usado em parte do 17.º e 18.º seculos.

abundante, que produz, indemnisa bem as despesas. Apregão com a voz e o exemplo esta cultura no meu districto; mas o resultado era dizerem-me que o meu terreno é melhor, e que não poupo os estrumes: os meus visinhos ateimavam que não se dão bem com ella, e que as suas terras não são proprias para a receberem.

Neste anno fiz uma experiencia para os mover a não abandonarem a luzerna. Todos os terrenos melhor preparados são sem duvida os que se destinam ao linho canhamo: ou são cavados á enchada cuidadosamente, ou arados em regos mui proximos; não lhes faltam com adubos convenientes, nem esquecem as precauções contra as chuvas fortes: em summa os camponeses poem nisso o maior cuidado.

Fiz preparar uma geira de terra lavradia, que sempre dera trigo, para lhe semear canhamo: no começo de Junho o mandei semear raro e logo em cima luzerna, na mesma proporção como se não houvesse canhamo: mandei fazer carris transversaes, de norte a sul, de oito em oito pés, para promover as correntes d'ar durante a vegetação do canhamo, que, como sabem, cobre o terreno.

Ambas as sementeiras vingaram bem: a colheita produziu 400 libras de canhamo e 80 de oleo. A luzerna resistiu, nem a sombra, nem a emanação do linho a suffocaram: chegou a subir com talos delgados, a 7 e 8 polleg., porem, á medida que se extrahi o canhamo, crescia a ôlho por causa da maior quantidade d'ar, e mais pela remexida do terreno, que aquella operação occasionou. Depois de lhe mandar dar um córte geral, para que filhasse em Setembro e Outubro, resultou-me a satisfação de mostrar aos lavradores meus visinhos um bello e viçoso prado: admirados de tão bom exito, prometteram imitar-me, porque lhes não levou muito tempo a calcular que o canhamo e o oleo renderam mais dez vezes que os gastos; e ficava-me uma soberba luzerna, mui capaz de ceifar logo em Abril seguinte.

Não pertendo citar esta experiencia como meio essencial de crear a luzerna; mas, pela secco que houve este verão, penso que era necessario misturar a luzerna com outras sementes menos delicadas, e estou persuadido que, se não fôra o canhamo, mui fraca sahiria este anno. Prova mais a mesma experiencia que o canhamo não exclue outra casta de cultura, promiscua com a sua: meio sempre vantajoso para o cultivador, porque não é para desprezar obter do mesmo chão e simultaneamente dois productos.

ANECDOTA.

Um clerigo, muito agarrado ás formulas syllogisticas de argumentar, mas que nem por isso era destituido de natural agudeza, tinha a mania de fazer distincções a êsmo; e a qualquer questão acudia logo — *distingo*. Frequentava a casa de certo prelado maior, onde o matraqueavam com a balda do — *distingo*: n'uma tarde concordaram os da assembléa que apenas o padre chegasse lhe proporiam objecto, que não admittisse distincções. Veio como era de costume, e o prelado lhe dirigiu esta pergunta: — « Estavamos a resolver uma duvida, queremos porem ouvir o seu voto. Acaso fará um caldo quebrar o jejum? . . . » — « *Distingo* » respondeu logo o clerigo — risada geral dos circumstantes — e elle sem se perturbar continuou: — « se o caldo fôr de qualquer portaria de convento não fará perder o jejum; mas se fôr da cosinha de V.^a Ex.^a, então affirmo que sim. » —